Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v40i149.1014
ESTUDOS BÍBLICOS

Ezequiel:

um exilado entre os exilados

Ezekiel: an exile among exiles

Mariana Aparecida Venâncio*

* Mestra em Letras (Literatura Brasileira) pelo Centro Universitário UniAcademia, Especialista em Sagrada Escritura pelo Centro Universitário Claretiano. Doutoranda em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
marianaavenancio@gmail.com

Recebido em: 24/06/2024
Aprovado em: 21/09/2024

Licença *Creative Commons* CC BY-NC 4.0

Resumo

Neste artigo, acompanha-nos o objetivo de demonstrar como Ezequiel e sua mensagem ajudam o povo exilado a incorporar o significado do exílio em sua identidade religiosa. Para isso, recuperaremos alguns dados sobre o Exílio na Babilônia, evento ocorrido no séc. VI a.C., alguns paralelos com o caminho pelo deserto após o evento fundante do Êxodo e a ocorrência do motivo do desenraizamento em outros textos bíblicos. Isso oferecerá uma pista de atualização para a profecia, contribuindo à compreensão da figura do profeta ontem e hoje como alguém que é chamado a viver o exílio com seu povo, a viver como exilado entre os exilados de seu tempo.

Palavras-chave: Ezequiel, exílio, judaísmo, profecia.

Abstract

In this article, we aim to demonstrate how Ezekiel and his message help the exiled people to incorporate the meaning of exile into their religious identity. To do this, we will retrieve some data about the Babylonian Captivity, an event that took place in the 17th century B.C., some parallels with the path through the desert after the founding event of the Exodus, and the occurrence of the reason for uprooting in other biblical texts. Such an approach will offer a clue for updating the prophecy, contributing to the understanding of the figure of the prophet yesterday and today as someone who is called to live in exile with his people, to live as an exile among the exiles of his time.

Keywords: Ezekiel, exile, Judaism, prophecy.

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

1 Introdução: o profeta em seu tempo e seu contexto

É importante que recordemos alguns dados históricos sobre Ezequiel, que são fundamentais para compreender o profeta e sua mensagem. Ezequiel é um dos três profetas do Exílio na Babilônia, um evento que marcou profundamente a identidade do povo bíblico, chegando a ser chamado "berço do Judaísmo" (Peetz, 2022, p. 191). Em sua época, estão também Jeremias e o Dêutero-Isaías (Is 40–55). Jeremias nasce por volta do ano 650

a.C., pertence à tribo de Benjamin, inicia sua atuação sob o reinado de Josias, em Judá (reino do sul) e atua até o Exílio na Babilônia, embora não tenha vivido como exilado, mas tenha se refugiado no Egito e lá encerrado sua atividade profética (Sicre Díaz, 2008, p. 294). O Dêutero-Isaías, por sua vez, é um profeta anônimo, cuja mensagem foi, pela tradição bíblica, unida à de Isaías, o profeta pré-exílico. Há diversas teorias sobre sua origem e atuação. Há os que consideram que ele tenha nascido e encerrado sua atividade na Babilônia, outros consideram que ele regressou a Jerusalém e continuou sua pregação, que conheceríamos no Terceiro Isaías (caps. 56-66), outros consideram que ele tenha vivido sempre em Jerusalém ou na Fenícia, ou no Egito (as possibilidades são suficientemente apresentadas e referenciadas por José Luis Sicre Díaz, em seu clássico *Profetismo em Israel* (2008, p. 310). Do Dêutero-Isaías chegou-nos, portanto, sua poesia e a sutileza de textos esperançosos referentes, sobretudo, ao fim do Exílio e à esperança pela libertação.

Ezequiel, portanto, está entre esses dois profetas. De um lado, Jeremias, que sequer viveu o exílio, mas sentiu toda a angústia do seu início: soube da iminência da chegada da Babilônia, assistiu a um mau governo que destruiu as últimas chances de uma relação de vassalagem ainda não tão violenta e, por fim, sofreu a dissolução da paz e de qualquer esperança de salvação com o início do Exílio e subsequentes deportações. Para Jeremias, precisar fugir de sua terra pode ter sido ainda mais desolador do que se ele tivesse ido ao exílio. Do outro lado, temos o Dêutero-Isaías, um profeta que já percebia a iminência da libertação e esperava o retorno dos exilados como algo praticamente certo, porque a Babilônia teve notícias da ascensão de Ciro e do exército persa e já ansiava que ele conquistasse a Babilônia – uma vez que, no fim do exílio, mesmo os babilônios estavam já insatisfeitos com o governo de Nabônides (porque orava a divindades assírias e já não celebrava a festa anual de Ano-Novo, uma vez que morava fora da capital). Enquanto Jeremias vive o auge da angústia e da desolação, o Dêutero-Isaías vive o auge da esperança, aquela que está na iminência da realização. Ezequiel, entre esses dois polos, será o responsável pela transformação da angústia em esperança – quase um alquimista.

A vocação do profeta se dá já na Babilônia, atestada pelos primeiros capítulos de seu livro. De novo, a datação da sua vocação e início da atuação é controversa, já trabalhada na referenciada obra de Sicre Díaz (2008, p. 300). Aqui consideraremos a personagem Ezequiel, a criação literária ao redor de sua profecia – afinal, são a criação literária e os processos de sua recepção o suporte para a transmissão da Revelação quando tratamos da Palavra de Deus contida na Sagrada Escritura. Esse é o princípio daquilo que chamamos análise literária da Bíblia: para além do factual e do intencional, trabalhamos com aquilo que o texto literário transmite. Pois bem, Ezequiel então parte para o exílio entre os primeiros deportados, em 597 a.C., e lá recebe sua vocação. O profeta não se torna exilado, mas o exilado é que se torna profeta.

Isso será importante para entender o que o texto bíblico destaca após a descrição da visão inicial, quando o profeta recebe sua vocação. O texto diz: "Ele me disse: 'Filho do homem, põe-te de pé que vou falar contigo'. Enquanto falava, entrou em mim o espírito e me pôs de pé. Então ouvi aquele que falava comigo" (Ez 2,1-2)[1]. É o Espírito que entra no profeta e realiza três ações extremamente importantes: o põe de pé, o permite ouvir a Deus que fala e, depois, o permite responder a Deus, com a aceitação e obediência na missão profética. É o Espírito quem faz isso porque o profeta está como morto no Exílio. O que

[1] Neste artigo, os textos serão sempre citados de acordo com a tradução da Bíblia de Jerusalém (2002).

acontecerá com os ossos secos em Ez 37,1-14 está a acontecer inicialmente com o profeta. E isso é comum na atividade profética: eles passam primeiro pela experiência que depois precisarão anunciar. É o que torna mais convincente seu anúncio: eles não falam por ouvir dizer, mas porque foram testemunhas vivas das maravilhas que anunciam. Experimentaram-nas em nível pessoal para depois anunciá-las em nível comunitário. De fato, a isso exorta São Gregório Magno a respeito da pregação, especialmente em seus comentários sobre o profeta Ezequiel: "quem anuncia a palavra de Deus, antes se debruce sobre o seu próprio modo de viver, para que, haurindo da própria vida, aprenda o que dizer e como dizê-lo [...]. Ninguém presuma dizer fora o que antes não ouviu dentro" (Gregório Magno *apud* Francisco, 2023, p. 4). Outro exemplo disso na profecia é o que acontece a Jonas, que passa pela experiência da misericórdia de Deus, que o salva do grande peixe depois de sua recusa e ingratidão, para que depois seja possível ao próprio profeta compreender como Deus salvará Nínive, capital de uma nação que tanto mal fizera a Israel.

2 O exílio

Dado que a identidade de Ezequiel é a do exilado que se torna profeta, é importante que sejam retomados alguns dados históricos sobre o Exílio na Babilônia e a situação dos exilados.

Primeiramente, o Exílio na Babilônia é o auge da crise em Judá, após um tempo de relativa tranquilidade no reino do Sul, desde a queda da Samaria em 722 a.C. Quando a Assíria conquista os territórios do Reino do Norte, Israel, não é interessante conquistar o Reino do Sul porque ele não representa nem um ganho e nem uma ameaça para a Assíria. Judá é localizada em uma região montanhosa, distante das principais vias comerciais, o que faz com que, logo após a conquista da Samaria, a Assíria não se interesse por Judá. Interessante a forma como a Bíblia narra esse período: sob o reinado de Ezequias, Judá perde territórios para a Assíria. Essa crise se deve a uma má política externa de Ezequias, que não cumpria as obrigações tradicionais de vassalagem (Peetz, 2022, p. 159). No entanto, Ezequias é glorificado no Segundo Livro dos Reis como um excelente governante. E isso se deve à sua reforma religiosa: ele abole os chamados lugares altos e concentra o culto em Jerusalém (2Rs 18,3-22). Nos anos seguintes, sob Manassés, Judá terá um tempo de prosperidade econômica, uma vez que a Assíria precisa recuar com a ascensão da Babilônia para proteger seus territórios. Com Manassés, é restabelecida a boa relação entre Judá e a Assíria e, inclusive, a Assíria devolve territórios a Judá (Peetz, 2022, p. 168), mas Manassés é criticado em 2Rs 21,2-9 como alguém que desagradou a Deus, já que sob o seu reinado, se reconstroem lugares altos e são erigidos locais de culto para outros deuses. Com Josias, se dá o auge da reforma religiosa. Em sua época, a Assíria está ocupada demais com a Babilônia. Josias dedica então sua reforma especialmente à redação de textos religiosos, provavelmente já uma primeira redação do Deuteronômio, e à centralização do culto em Jerusalém.

Por que esses dados são importantes? Porque a população dos exilados que vai para a Babilônia em 597 a.C., entre os quais está Ezequiel, é uma população da elite religiosa de Jerusalém, que acaba de viver o auge de sua reforma religiosa, ou seja: está profundamente orientada a Deus e ao culto. São três deportações (597, 586 e 582 a.C.), a de Ezequiel é a primeira e o Templo é destruído somente na segunda. Eles relembraram as tradições antigas, elaboraram muito bem uma identidade de povo eleito por Deus e haviam depositado no Templo toda a confiança e segurança da presença de Deus com eles. Para

eles, viver como povo de Deus exigia um cotidiano ao redor do Templo de Jerusalém. Isso não significa que a Reforma de Josias tivesse atingido unanimemente a todo o povo: indícios arqueológicos mostram que havia estátuas entre eles. Mas é fato que eles estavam muito conscientes dos preceitos divinos e viviam um cotidiano elaborado ao redor do Templo, especialmente essa classe religiosa dos primeiros deportados. Essa primeira geração de deportados ansiava pelo retorno, especialmente por causa do Templo. Não pequena foi sua crise com as notícias de sua destruição – observemos, no entanto, que a mensagem de Ezequiel assume contornos de ainda maior esperança a partir das notícias da destruição do Templo.

Qual era a situação dos exilados na Babilônia? Primeiro, há que se notar que foram muitos os deportados. Partindo de Jeremias, cujos dados coincidem com estimativas arqueológicas, cerca de 10 a 30% da população foi exilada, cerca de 20 mil pessoas (Tassin, 2022, p. 545). Mas é muito importante compreender em que termos se deu essa crise. Melanie Peetz, exegeta alemã, nota as características da situação que esses exilados viveram:

> Diferentemente dos assírios, os babilônios assentam os exilados em grupos, em lugares individuais. Nesses assentamentos, os judaítas podem conservar sua identidade nacional e religiosa, cultivá-la e desenvolvê-la [...]. Nessas localidades, os judaítas parecem regular, eles próprios, seus negócios internos. Infere-se da Bíblia que nesses lugares há anciãos que detêm a liderança local [...]. Economicamente, parece que a situação não é ruim para os judaítas na Babilônia. Os exilados recebem terra que eles mesmos podem cultivar (cf. Jr 29,4-7). Para isso, eles provavelmente devem realizar serviços e pagamentos ao rei babilônico [...]. A situação social e econômica dos judaítas no exílio parece melhorar constantemente ao longo do tempo (Peetz, 2022, p. 192).

Assim, quando dizemos que o tempo do Exílio na Babilônia é um tempo de crise para os exilados, devemos ter em vista, principalmente para a finalidade da interpretação bíblica, que essa crise é muito mais religiosa do que econômica ou social. Os exilados saíram de um momento áureo sob Josias e, de repente, sofrem a desolação da aparente derrota de Deus por Marduk, o deus babilônico. Além disso, ao chegarem na Babilônia, eles se deparam com uma religiosidade suntuosa e bem desenvolvida, com escrituras, mitos que recontavam a origem de tudo com base em sua própria fé, imagens bonitas e cultos também desenvolvidos. A primeira impressão é de que Deus estava derrotado por uma religiosidade que eles haviam condenado como idolátrica e falsa. Então podemos resumir essa crise como: aparente derrota de Deus, perda da morada de Deus entre os homens (destruição do Templo) e suntuosidade da religião na Babilônia. Como, então, compreender a fé em Deus nesse novo cenário?

A missão de manter a fé no Deus de Abraão, Isaac e Jacó viva foi, decerto, desempenhada por muitas pessoas anônimas. Podemos dizer, nesse sentido, que o amparo de Deus com a esperança em meio à desolação foi profecia comunitária. Mas não podemos ignorar o grande contributo profético da liderança que se faz pelo testemunho de pessoas específicas. Ezequiel é um líder que personifica essa comunidade de exilados que transforma a desolação do Exílio em reconstrução e oportunidade de estreitar de novo os laços com Deus. Não se trata de colocar em questão a existência ou não da pessoa de Ezequiel, mas de reconhecer que a pessoa do profeta reúne em si a identidade de todo esse povo que acolhe a mensagem profética de esperança e reconstrução. A reconstrução de Jerusalém começa no Exílio, com Ezequiel, o profeta-comunidade dos que esperam contra toda desesperança, decidem não abandonar a Deus. Nessa perspectiva, o Judaísmo não nasce com os que retornaram, quando estão já na tarefa da reconstrução, mas ele nasce entre os

exilados. Isso é muito importante: o Judaísmo como o conhecemos – e muitos historiadores concordam que conhecemos pouco ou quase nada da religiosidade pré-exílica – é uma religião nascida no Exílio, não no território de Israel e Judá. E aqui damos mais um passo na leitura teológica do personagem de Ezequiel: ele não faz apenas a alquimia dos sentimentos, transformando desolação em esperança; ele é a figura do povo que finalmente entende e configura como religião a celebração e a vivência da fé no Deus de Abraão, Isaac e Jacó. Os exilados que chegaram ao Exílio centravam sua fé no Templo; sob a sabedoria profética de Ezequiel eles entendem de que forma a fé poderia sobreviver sem o Templo. Assim, elaboram e compreendem o que será anunciado em Ez 36,16.25-29a. Examinemos com atenção esse oráculo:

> A palavra de Iahweh me foi dirigida nestes termos [...]: Borrifarei água sobre vós e ficareis puros; sim, purificar-vos-ei de todas as vossas imundícies e de todos os vossos ídolos imundos. Dar-vos-ei coração novo, porei no vosso íntimo espírito novo, tirarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei no vosso íntimo o meu espírito e farei com que andeis de acordo com os meus estatutos e guardeis as minhas normas e as pratiqueis. *Então habitareis na terra que dei a vossos pais:* sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus; libertar-vos-ei de todas as vossas impurezas (Ez 36,16.25-29a, grifo nosso).

O texto de Ezequiel pode ter sido lido como a profecia do retorno à Terra Prometida por Deus a Abraão. No entanto, é a compreensão dessa Terra Prometida que precisa ser renovada, a partir de uma nova compreensão do que significa habitar na terra do Senhor. A Abraão, Deus promete uma Aliança. No Exílio, portanto, não seria essa habitação a vida segundo o novo Espírito dado por Deus? Não seria uma vida purificada dos erros passados, inclusive purificada de um vínculo estéril com uma terra e um Templo? Há que se lembrar que Jesus, em João 5,14, considera o Templo o lugar de onde vêm as paralisias que assolavam o povo. Habitar na terra – mais que um caminho geográfico – não seria voltar à Aliança com Deus, cuja fórmula está explícita no trecho? A condição para habitar na presença de Deus não é o fim da Babilônia ou a viagem de volta a Jerusalém, mas é praticar a Lei e guardar os estatutos de Deus no coração, sede das decisões.

3 O exílio como marca de identidade judaica

Não é exagero então afirmar que no Exílio o povo precisa encontrar de novo a forma como ser o povo de Deus. Isso havia sido feito no caminho pelo deserto, após a saída do Egito. Agora, eles precisavam de novo aprender a ser povo de Deus de uma forma que não dependesse do lugar onde eles estivessem ou de uma construção, ou de um território. Por isso, dizemos que no exílio, se desenvolvem os novos marcos de identidade para o Judaísmo.

Em tudo isso, é importante destacar que o Exílio não é só o ambiente do desenvolvimento desses marcos de identidade, mas é ele o mais expressivo marco de identidade sob os quais outros são criados, a fim de explicitar aquilo que significa ser o Povo de Deus. Com isso quero dizer que, antes de tudo – antes da circuncisão, antes do sábado – o Povo de Deus são aqueles que experimentam a condição de exilados. Nesse sentido, Ezequiel é exilado para que ensine o povo de seu tempo a ser exilado; é profeta chamado para ser exilado entre os exilados; Moisés foi exilado no deserto antes de levar seu povo a um exílio de 40 anos; Jesus foi exilado antes de ensinar a nós que nas perseguições desse mundo seríamos também exilados, na espera de um dia chegarmos à pátria definitiva. Nessa

dimensão, Ezequiel foi um exilado com os exilados. Sua forma de viver a profecia, então, é iluminadora para um exercício profético que parte da experiência da compaixão. A vivência compartilhada do exílio junto de seu povo o permitirá perceber, apesar da angústia, a presença de Deus e sua companhia constante e atuante, convertendo a si os corações (Ez 36,22-28).

Aqui vale retornar ao Êxodo um momento porque os dois eventos têm grande afinidade: os dois são movimentos de retorno, os dois são momentos nos quais o povo precisa aprender a caminhar com Deus; o Dêutero-Isaías lerá o exílio como um novo Êxodo. Karen Armstrong, especialista nas religiões abraâmicas, escreveu em sua obra *A Bíblia*: uma biografia (Armstrong, 2007), comentando sobre a tradição sacerdotal (P) do Pentateuco, cuja autoria costumamos situar no Exílio:

> P compreendia a história do Êxodo de maneira muito diferente do deuteronomista. O clímax não era o *sefer torah* [a escritura da Lei], mas a promessa da presença constante de Deus durante os anos que passassem no deserto. Deus havia levado Israel para fora do Egito simplesmente "para viver (*skn*) no meio deles". O verbo *shakan* significava "levar a vida de um nômade". Em vez de residir numa construção permanente, Deus preferia morar numa tenda com seu povo errante; ele não estava preso a um único lugar, podendo acompanhá-lo onde quer que fosse [...]. Em vez de terminar sua saga com a conquista de Josué, P deixou os israelitas na fronteira da Terra Prometida. Israel não era um povo porque habitava um país particular, mas porque vivia na presença de seu Deus (Armstrong, 2007, p. 31).

Vemos então a força que ganha o exílio como identidade do povo de Deus entre os exilados. Há que se destacar que, na história completa do Êxodo, desde seu motivo até seu desfecho com o retorno para a terra, o ápice não está na conquista da terra, mas no meio, na travessia; é no deserto que o objetivo do Êxodo se realiza e que se encontra o ápice do Pentateuco. Passo agora a detalhar essa ideia.

Northrop Frye, grande expoente no estudo da Bíblia como Literatura, defendeu em sua obra *A Bíblia e os mitos clássicos* (Frye; Macpherson, 2023), que toda a Escritura pertence ao subgênero literário da comédia. Isso nos soa estranho porque a comédia chega a nós hoje como aquelas histórias que provocam risos, são satíricas. Aqui temos que compreender a comédia como subgênero do gênero dramático da Literatura clássica da Antiguidade. Então, estamos falando da comédia como um tipo específico do drama; também é um subgênero dramático, por exemplo, a tragédia. O que faz com que Frye defenda essa ideia? As estruturas das narrativas. A comédia tem a estrutura típica de uma narrativa em U, ou seja, que se orienta por três movimentos: perda, retorno e redenção (Frye; Macpherson, 2023, p. 35). O enredo, assim, parte de uma situação aparentemente equilibrada que sofre uma mudança ameaçadora; há um tipo de reviravolta que redireciona os acontecimentos e uma nova direção é tomada para um final feliz. Reconhecer esse tipo de narrativa e suas estruturas típicas ajuda a distinguir, no texto, quais são as situações equilibradas, quais são as ameaçadoras e quais as salvadoras.

A história do Pentateuco, por exemplo, começa com o chamado de Abraão. Sua aceitação e partida estabelecem o equilíbrio de uma narrativa que segue o curso comum que é esperado. A Abraão é prometida uma descendência e a história dessa descendência é narrada. A primeira situação ameaçadora a toda a história é aquela que acontece ao fim do Gênesis: por causa de uma grande fome, Jacó e seus filhos, com suas famílias, descem ao Egito.

Mais uma vez citarei Karen Armstrong, em seu livro *Campos de Sangue* (Armstrong, 2016). Ela apresenta as razões pelas quais devamos enxergar a descida ao Egito

como ameaça, não obstante o fato de que inicialmente a família de José seja bem recebida. Para Armstrong, está em jogo uma oposição entre uma sociedade agrária, na qual a produção de excedentes implicou em uma estrutura social e econômica rejeitada pela Bíblia porque cultivadora de violências, e uma sociedade pastoril, da qual a Bíblia era defensora porque uma alternativa pacífica àquele outro modelo, de liberdade e igualdade (Armstrong, 2016, p. 119). Essa oposição é personificada no conflito entre Esaú e Jacó. A autora mostra como o AT, especialmente em suas primeiras narrativas, defende o modelo pastoril de sociedade. Mas o Gênesis não fecha os olhos ao conflito que isso gera na sociedade de Israel: eles preferem o modelo pastoril, mas vez ou outra precisam recorrer ao modelo agrário. É o que acontece na ida ao Egito. Por isso, essa aproximação é uma ameaça e as gerações que vivem no Egito incorporam um modelo de vida que não deve ser repetido entre o povo de Deus. Por isso, é necessária uma mudança repentina na trama, que aqui será a vocação de Moisés e sua liderança, com os eventos ao redor da libertação e só então vem o redirecionamento para um final de redenção. Esse redirecionamento é o caminho pelo deserto.

Nesse ponto, o deserto após o Egito e o exílio babilônico se tornam eventos análogos: em ambos, o povo precisa redescobrir como viver à luz da fé em Deus, abandonando as lógicas aprendidas e vividas outrora para abraçar uma nova forma de viver (Ex 19,3-6; Ez 33,7-9), encontrando modos de, no cotidiano, expressar sua pertença a Deus como povo reunido por ele (Lv 19,2; Ez 37,15-28). Esse caminho de aprendizado, porém, não é feito sozinho, mas amparado pela companhia constante de Deus. No deserto, o principal amparo é o da Lei (Ex 20,1-17). No exílio, o da palavra profética: o Senhor dá Ezequiel (Ez 2,3-5) e, mais tarde, o Dêutero-Isaías para que o povo reaprenda a ser seu povo – o que não deixa de incluir também a recordação e atualização da Lei.

A identificação do exílio com o êxodo e dos exilados com os peregrinos que saíram do Egito é tão forte que, ao tratar do retorno, eles não se veem como o povo que, com Josué, conquistara territórios na Terra Prometida. O Dêutero-Isaías, ao anunciar o retorno dos exilados, anuncia seu retorno como exilados.

> Entoa alegre canto, ó estéril, que não deste à luz; ergue gritos de alegria, exulta, tu que não sentiste as dores de parto, porque mais numerosos são os filhos da abandonada, do que os filhos da esposa, diz Iahweh. Alarga o espaço da tua tenda, estende as cortinas das tuas moradas, não te detenhas, alonga as cordas, reforças as estacas, pois transbordará para a direita e para a esquerda, a tua descendência se apoderará de outras terras e repovoará cidades abandonadas (Is 54,1-3).

Se o povo retorna para a sua terra, porque a exortação do profeta é de que eles alarguem suas tendas, não suas casas, ou seu Templo? Suas moradas estão definitivamente substituídas pelas moradas dos exilados porque aquele povo que retorna jamais poderá esquecer o exílio, sob pena de esquecerem a si mesmos. E aqui não podemos deixar de mencionar a importância da festa das Tendas no calendário judaico. Isso não porque Deus desejasse o exílio para seu povo, mas porque ele era o Deus que vivia o exílio com seu povo. E a memória desses exílios é parte fundamental da identidade do povo.

Então, para completar a ideia do exílio como berço do Judaísmo, voltemos aos chamados marcos de identidade móveis. Mélanie Peetz (2022, p. 195) e outros autores indicam ao menos quatro marcos significativos desenvolvidos nesse tempo: 1. A obrigação de circuncisão dos recém-nascidos do sexo masculino – era costume pré-israelita na região do Levante, mas não o sinal da Aliança com Deus. Passa a ser no Exílio; 2. Prescrições alimentares: eram necessariamente diferentes dos costumes babilônicos e serviam

para diferenciá-los; 3. A celebração do sábado como descanso semanal – no período pré-exílico, o *shabbat* era celebrado como festa da luz cheia, portanto, uma vez por mês e havia a tradição do descanso no sétimo dia. Ambas são celebrações unificadas no exílio. 4. A celebração da Páscoa. Além disso, o reforço da adoração a IHWH como único Deus e a Escritura são desenvolvimentos exílicos.

Não obstante as diversas releituras que a Escritura fez em si mesma, que vão, por exemplo, ressaltar a importância do Templo e a fixação de Israel numa terra como característica marcante de identidade, nós, cristãos, podemos verificar aquilo que na Teologia do Novo Testamento confirmou-se a respeito do Antigo. João, o maior teólogo do NT, poderia apresentar a figura de Jesus sob diversos horizontes; mas prefere chamá-lo de Verbo de Deus, que armou sua tenda entre nós (Jo 1,14) – e mesmo que queiramos traduzir o termo grego por morada, deveremos lembrar que a palavra se refere a um termo que no hebraico é traduzido por tenda – a morada temporária, a habitação do peregrino.

Aqui precisamos notar que não só esses textos que citamos colocam em evidência a identidade exilada do povo. Karen Armstrong nota que:

> Na história revista de P, o exílio era a última de uma sequência de migrações: Adão e Eva haviam sido expulsos do Éden; Caim, condenado a uma vida de errância sem lar após matar Abel; a raça humana havia sido dispersada na Torre de Babel; Abraão deixara Ur; as tribos emigraram para o Egito, e eventualmente viveram como nômades no deserto. Em sua última dispersão, os exilados deviam construir uma comunidade para a qual a presença divina pudesse retornar (Armstrong, 2007, p. 31).

Essa nova forma de viver em comunidade para que Deus pudesse de novo habitar no meio deles consistia em praticar as mesmas leis de pureza que praticavam os que estavam associados ao Templo, mas agora com um componente ético, de respeito à alteridade sagrada das criaturas: eles não deviam escravizar ou possuir ninguém, nem o estrangeiro, nem a terra.

Portanto, há que se notar que a busca pela posse de um território geográfico nada tem a ver com a identidade religiosa judaico-cristã – ao menos não em uma leitura adequadamente interpretada e contextualizada do conjunto das Escrituras. O Senhor nos fez um povo desenraizado com Abraão; quando Jacó e sua família sofreram a tentação de se conformarem ao Egito, Deus lhes deu uma oportunidade de, no deserto, reaprenderem a ser o seu povo; quando Israel e Judá acostumaram-se às políticas imperialistas da Assíria ou da Babilônia, nova oportunidade de voltar a Deus ganharam no Exílio, com Ezequiel. Hoje, podemos dizer que do mesmo modo como Abraão só possuiu da terra o que se referia à morte, aqueles que insistirem na luta pela sua posse, desviados de uma interpretação que evidencie o que o texto bíblico de fato traz para o centro, também só possuirão, nisso tudo, o que se refere à morte.

4 Aos dias de hoje

As indicações que Ezequiel oferece à atualidade, a partir da compreensão do Exílio, exigem também expor um pouco dos riscos que o fundamentalismo impõe sobre o nosso tempo, porque todos temos assistido ao campo de sangue que se tornaram os territórios próximos à Faixa de Gaza nos últimos meses (desde outubro de 2023), como parte de um conflito arrastado desde o início do séc. XX. É o sangue de muita gente inocente que se une ao de tantas pessoas mortas ao longo de um século de guerra, extermínio e conflito

por uma terra. Em virtude de uma leitura fundamentalista do texto bíblico que não aceita o exílio, a posse da terra tem sido compreendida como mais importante à constituição da identidade judaica do que a vida exilada como lugar de provação e de estreitamento dos laços com Deus.

Sem sugerir que o conflito seja examinado de forma unilateral ou tomando partido de um lado como mocinho sofredor e outro como vilão perverso, reconhecemos a complexidade histórica, política, ideológica e, principalmente, religiosa do cenário em questão. Chama atenção, no entanto, um horizonte relacionado à nossa discussão, que doravante refletimos. A grande maioria de nós, que crescemos em uma pátria e assistimos, com os óculos do Ocidente, a reivindicação sionista do Estado de Israel sobre o território palestino, talvez não esteja habituada à visão de uma identidade religiosa pautada sobre o ser exilado – inclusive, talvez se deva a essa nossa falta de proximidade com a identidade exilada, nossa pouca convicção no anúncio e na profissão de fé que estão ao redor do anúncio da esperança cristã pela pátria definitivo, pela ressurreição.

Por isso, o sionismo, desde o princípio, foi visto como um movimento não de um judaísmo radical, mas de um judaísmo secularizado. Karen Armstrong, em *Campos de sangue* (2016), afirmara que "a convicção dos militantes, longe de ser inspirada pelas tradições religiosas, violava ensinamentos fundamentais do judaísmo rabínico" (Armstrong, 2016, p. 379). Illan Pappé, em seu livro *10 mitos sobre Israel* (Pappé, 2022), concorda, afirmando:

> Quando o sionismo apareceu pela primeira vez na Europa, muitos rabinos tradicionais chegaram a proibir seus seguidores de se envolverem do modo que fosse com os ativistas sionistas. Eles consideravam que o sionismo interferia na vontade de Deus de manter os judeus exilados até a vinda do Messias, e rechaçavam totalmente a ideia de que os judeus deveriam fazer tudo o que pudessem para dar fim ao 'Exílio' (Pappé, 2022, p. 63).

Portanto, a ideia de que Deus deu a Abraão uma terra e que por sua posse se deve derramar todo sangue porque disso depende a identidade religiosa não é uma ideia bíblica, mas é fruto de uma leitura fundamentalista do texto bíblico – uma forma catastrófica de leitura que a retira de seu aspecto místico para tratá-la como se fosse um texto puramente histórico, factual. Nisto está a principal ameaça que o fundamentalismo bíblico pode impor à sociedade, a partir da religião: a desconstrução da sacralidade bíblica, a secularização do texto bíblico, a eliminação de formas orantes e místicas de leitura do Texto Sagrado.

A religião não implica uma leitura bíblica fundamentalista. Essa leitura é sempre instrumentalizada. Há que se ressaltar, portanto, a diferença entre o fundamentalismo ingênuo e o fundamentalismo instrumentalizado, conforme Prado (2018). Nada há de perverso no fundamentalismo ingênuo, pelo contrário, ele quase sempre é fruto da busca por uma vivência ortodoxa da fé que acaba encontrando no fundamentalismo a ilusão da fidelidade absoluta, na interpretação e na moral. O problema está na instrumentalização dessa forma de fundamentalismo por aquele perverso – que, aí sim, é um movimento secularizado, que tira a religião e o exercício da autoridade da mística religiosa para fazê-los atender a interesses políticos e econômicos de uma minoria.

Ezequiel é, portanto, profeta não na liderança radical de um retorno, de uma fuga, de um movimento de reconquista, como poderia ter sido. Ele é um "imitador" de Deus. Se Deus, outrora na saída do Egito, levou o povo ao deserto para viver no meio deles como nômade, Ezequiel os levará ao Exílio – não o levar da viagem geográfica, mas do viver e experienciar de fato o exílio – e os ajudará a fazer esse caminho, fazendo-o com eles. Nisso consiste o ser do profeta.

5 Afinal, quem é o profeta?

O profeta é, antes de tudo, aquele que conhece muito bem seu próprio povo. Dissemos já que ele é um precursor das experiências; é alguém que vive e sente com intensidade tudo o que seu povo sentirá, às vezes, na superficialidade. O profeta não é alguém que está alheio aos acontecimentos, pelo contrário, é alguém que tem sempre olhar de águia sobre tudo o que está à sua volta. É aquele que sente demais, e que leva a sério a missão profética a ponto até de ser considerado louco por isso. Nada lhe passa despercebido. Assim, o profeta é aquele que está junto do povo e conhece seus sentimentos – os melhores e os piores. Ezequiel, portanto, conhecia os exílios pelos quais seu povo passava. Hoje, para que sejamos profetas, deveríamos nos perguntar: quem são os exilados do nosso tempo? Quem, dentre o nosso povo, habita em tendas? Migrantes, refugiados, pessoas em condição de rua, pessoas abandonadas à drogadição, que muitas vezes já foram abandonadas por suas famílias, crianças abandonadas por seus pais, idosos abandonados pelas suas famílias. Mas também os exílios interiores, espirituais, de quem sofre depressão, de quem se sente numa solidão irremediável, de quem não crê mais em Deus. E, então: conhecemos essas pessoas o suficiente para que sejamos não profetas para elas, mas profetas com elas?

Um segundo elemento que caracteriza muito bem o ser do profeta: ele conhece profundamente a Deus. Em Ezequiel, há que ter o cuidado de perceber que ele não conhece a Deus por visões privilegiadas, mas porque deixa que o Espírito o mova a esse conhecimento (cf. Ez 2,2). E a prova desse conhecimento privilegiado é que o profeta faz a experiência de Deus, a mesma que o povo fará, mas antes, mais rapidamente, porque têm no coração um caminho mais livre para que Deus possa se achegar. Esse conhecimento, portanto, é dom – não é esforço pessoal, não é mérito particular, mas é um dom que nele se faz serviço – o mérito dele é zelar pelo exercício desse serviço – mas que só se recebe com o coração inteiramente despojado. É interessante lembrar que esse serviço nem sempre é desejado pelo profeta. Recordemos os exemplos de Jeremias e Jonas. Mas conhecendo profundamente a Deus, o profeta sabe comunicá-lo à sua comunidade, porque está entre eles como alguém que fala da parte de Deus. E ele se esforça para isso: vejamos as ações simbólicas, numerosas e intensas – eram formas que o profeta encontrava de traduzir a mensagem de Deus de uma forma que seu povo pudesse compreendê-la.

Em Ezequiel, esse conhecimento de Deus é já nos primeiros capítulos designado pela internalização da Palavra que ele anunciará. Assim, logo nos primeiros capítulos, no relato de sua vocação, temos a ação simbólica de comer o livro. O profeta precisa internalizar a Palavra que ele anunciará de forma que eles se tornem um. Como um alimento, a Palavra se torna no profeta aquilo que nutre, que o sustenta de pé e que o permite seguir para a missão desafiadora de profetizar à casa de Israel. Isso é o que chamaríamos hoje de animação bíblica. Israel, a quem o profeta é enviado, por sua vez, não é uma nação de língua ininteligível, que ainda assim ouviria o profeta, mas uma nação de coração empedernido, que não ouve o profeta porque não quer escutar o Senhor.

Conhecendo o povo e conhecendo a Deus, o profeta pode então ser a ponte que religa o povo a Deus por meio do convite à reconciliação. É um movimento de reconciliação que começa pela percepção das transgressões do povo, passa pela consciência a respeito de suas consequências e deve chegar a um retorno a Deus. Os profetas pré-exílicos denunciaram as transgressões do povo, especialmente em termos de uma má tradução da fé e do culto em relações éticas condizentes com sua identidade de povo eleito. Para os profetas do séc. VIII a.C., por exemplo, Amós, Oséias, o culto praticado em Israel e Judá não seria agradável a Deus enquanto ele não gerasse maior responsabilidade para com a

viúva, o órfão e o pobre. Os exilados acabam por constatar que os profetas pré-exílicos estavam certos: suas transgressões os levaram à ruína. Agora, era claro o caminho de retorno: eles precisavam reparar os erros cometidos. O início da mensagem profética, no entanto, com esses primeiros profetas, sugere que eles acreditavam que a conversão seria alcançada pelo medo do juízo. Ezequiel, no exílio, convida à conversão pelo anúncio da misericórdia, pelo anúncio de um Deus que *primeireia*: é ele quem purifica seu povo e lhe dá um novo coração para que eles então sejam capazes da reconciliação (cf. Ez 36,26). Nesses termos, Ezequiel elaborará a ideia da responsabilidade individual (Tassin, 2022, p. 547). Seus pais pecaram, mas eles também ao afastar-se de Deus, cultuar outras divindades, duvidar que Deus os libertaria ou pensar que Deus os havia abandonado e esquecido no exílio. Nessa direção é que Ezequiel criticará o provérbio "Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos ficaram embotados" (Ez 18,2).

6 Considerações finais

O filósofo francês Jean Luc Nancy, em um de seus ensaios, intitulado *La existência exiliada* (Nancy, 2001), recorda que há um lugar comum na tradição greco-judaico-cristã que atribui à existência humana uma condição de exílio. Ao longo do ensaio, ele se propõe à investigação sobre em que sentido devemos nos apropriar dessa noção.

A primeira forma de existência exilada que ele apresenta é aquela que tem por motivo o exílio que advém do não saber responder à pergunta "O que é o homem?". Não sabendo responder a essa indagação intrínseca a todo ser humano, a pessoa vê-se em exílio, como se habitasse um território íntimo onde é sempre estrangeiro, que não reconhece. Também o Antigo Testamento perguntava: "que é o homem, para dele te lembrares?" (Sl 8,5) – mas nós temos uma resposta pra isso, nossa resposta está em Jesus e podemos dizer que só sabemos respondê-la porque o conhecemos. Não é esse então o nosso tipo de exílio, embora nós sejamos chamados a estar próximos especialmente dos que vivem esse exílio, porque perderam suas razões de vida.

Nancy continua sua reflexão dizendo então que há uma outra forma de exílio mais semelhante ao que deveria ser um exílio constitutivo da experiência moderna, que é a experiência da saída constante, do que parte, do que vai, de quem está sempre pronto a ir. Não necessariamente tendo saído de seu território, mas em constante partida, de si, de suas seguranças, de suas inércias. A essa saída ao menos duas vozes nos exortam: o Ide de Jesus (Mt 28,19) e o Ide de Francisco, desde a *Evangelii Gaudium*, de 2013.

Nesse sentido, Jean-Luc Nancy afirma:

> A questão do exílio é, portanto, a questão dessa partida, desse movimento, como um movimento que sempre começa e que talvez nunca deva terminar. Porém, se o que resta não é o chão, o que resta? Segundo o sentido dominante, o exílio é um movimento para fora de si: para fora do próprio lugar (e neste sentido é também, em última análise, o fundamento, uma certa ideia do fundamento), para fora do próprio ser, para fora de sua propriedade em todos os sentidos (Nancy, 2001, p. 116, tradução nossa).

Ele faz uma pergunta que considero primordial para entendermos o Ezequiel, a condição de exilados e como isso toca a nossa vida hoje, como cristãos que leem Ezequiel como Palavra de Deus: se não resta o que é próprio, resta o quê? Muitos de nós temos a dificuldade da saída porque vemos apenas a desolação de perder o que é o próprio, assim como os exilados com Ezequiel se desesperaram. Mas é nessa experiência, e arrisco dizer

que só nela, quando damos o passo de sair, de abandonar o que é individual, o que é posse, para lançar-mo-nos ao aparente vazio do exílio, aí percebemos que ele está na verdade, preenchido. Quando perdemos o que é próprio, resta-nos o que é o outro, o território sagrado do outro, a experiência sagrada das relações, e o Outro por excelência que encontramos nessa experiência de Exílio. E então, só então, quando descobrimos que na saída livre do que é próprio para assumir o exílio, de abraçar o Outro como tudo o que temos, a experiência – muitas vezes desoladora – de sair do próprio converte-se na esperança de alcançar tudo. E aqui respondemos então à pergunta inicial: como Ezequiel transforma a desolação daquele povo em esperança? Como anunciamos a esperança nos exílios sofridos hoje? Ezequiel faz com que o povo enxergue a companhia de Deus na desolação. Ele o faz pela profecia dos encontros, que faz com que o próprio seja menos importante que a comunidade. Numa religiosidade que não olhava para o outro, aqueles exilados perderam tudo; mas no exílio, onde só restaram os outros, então eles encontraram o profeta, com ele encontraram a Deus e então eles encontraram tudo. E arrisco dizer que ali não importava mais para onde eles voltariam, mas importava que eles voltariam como povo novo.

Contudo, não é por este artigo, nem por Jean-Luc Nancy e nem é também por causa de Ezequiel que deveríamos já ter compreendido a dinâmica cristã da perda como saída do que é superficial, do que não é tesouro verdadeiro, para que façamos a experiência de encontrar tudo. É, sem dúvidas, porque já ouvimos o ensinamento de quem é o tudo que encontraremos: "O que perder a sua vida por causa de mim, a encontrará" (Mt 16,25).

Referências

ARMSTRONG, Karen. *A Bíblia:* uma biografia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

ARMSTRONG, Karen. *Campos de sangue:* religião e a história da violência. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém.* São Paulo: Paulus, 2002.

FRANCISCO, Papa. Homilia da Santa Missa Crismal. *A Santa Sé,* Cidade do Vaticano, 6 abr. 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2023/documents/20230406-omelia-crisma.pdf. Acesso em: 16 set. 2024.

FRYE, Northrop; MACPHERSON, Jay. *A Bíblia e os mitos clássicos:* a estrutura mitológica da cultura ocidental. Campinas, SP: Editora Sétimo Selo, 2023.

NANCY, Jean-Luc. La existencia exiliada. *Revista de estudios sociales*, Bogotá, v. 8, n. 1, p. 116-118, jan. 2001. Disponível em https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/res/article/view/5211. Acesso em 16 set. 2024.

PAPPÉ, Ilan. *Dez mitos sobre Israel.* Rio de Janeiro: Tabla, 2022.

PEETZ, Melanie. *O Israel bíblico:* história, arqueologia, geografia. São Paulo: Paulinas, 2022.

PRADO, José Luiz Gonzaga. O fundamentalismo. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 35, n. 140, p. 363-378, out./dez. 2018. Disponível em: https://revista.abib.org.br/EB/article/view/41/42. Acesso em 16 set. 2024.

SICRE DÍAZ, José Luis. *Profetismo em Israel:* o profeta, os profetas, a mensagem. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

TASSIN, Claude. Exílio. *In:* PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco (org.). *Dicionário de temas teológicos da Bíblia.* São Paulo: Edições Loyola, 2022. p. 543-549.